

COMPREENDENDO OS IMPACTOS DO RACISMO INSTITUCIONAL: PROMOVENDO A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA ODS (4)

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

Brena Caroline dos Santos Dias (Universidade de Taubaté)
Roseli Albino Flach (Universidade de Taubaté)
Luciana de Oliveira Rocha Magalhães (Universidade de Taubaté)

Resumo

A Educação Antirracista surge como uma resposta crítica e necessária para combater o racismo sistêmico nas instituições educacionais. Promover a consciência racial nas escolas, enfatizando a necessidade de reconhecimento, respeito e valorização das diversas culturas presentes nas salas de aula é fundamental para nossa sociedade. O artigo explora estratégias que visam desafiar estereótipos, preconceitos e discriminação racial, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e engajados em uma sociedade mais igualitária. A Educação Antirracista não busca apenas desconstruir práticas discriminatórias, mas também promove a celebração da diversidade e a construção de um ambiente inclusivo onde todos os estudantes possam prosperar. É um chamado à ação que busca criar um ambiente inclusivo onde cada voz seja ouvida e cada história seja valorizada. A pesquisa se adequa à abordagem qualitativa, caracterizando-se como exploratória e explicativa com uma análise aprofundada das práticas pedagógicas, das políticas educacionais e do impacto sobre os estudantes.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Consciência Racial, Práticas Pedagógicas.

Introdução

O racismo estrutural é uma força que opera em vários níveis da sociedade, influenciando as oportunidades, os resultados e as experiências das pessoas de diferentes grupos raciais. Sobre isso, Djamila Ribeiro (2019, p.19) pontua que “É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre”.

O ambiente escolar deveria ser um local de aprendizagem, crescimento e igualdade para todos os alunos, independentemente de sua raça ou origem étnica. No entanto, as escolas enfrentam muitos desafios relacionados ao racismo, que podem se manifestar de diversas maneiras desde a discriminação e o preconceito até a exclusão sistemática de classes de grupos raciais minoritários. Esse impacto tem

implicações não apenas para os indivíduos diretamente afetados, mas também para a sociedade como um todo.

A Lei 10.639/03, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é um marco na legislação brasileira que estabelece a inclusão obrigatória do estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Esta lei não se limita apenas aos alunos de ascendência afrodescendente, mas sim, representa um compromisso que envolve a responsabilidade de todas as pessoas e instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, em promover uma educação mais inclusiva e diversificada.

Nessa realidade, é evidente a necessidade de aprofundar a compreensão das relações antirracistas nas instituições de ensino sob a perspectiva do professor tendo como base o objetivo desse artigo evidenciar as ações docentes que tem ocorrido para promover a igualdade, a equidade e a justiça racial no ambiente educacional.

Sobre isso Gomes (2003) afirma que “a escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”.

Destaca-se a importância de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, se sintam representadas e valorizadas.

Revisão da literatura

Ao abordar a educação antirracista, podemos identificar as disparidades específicas que afetam homens e mulheres dentro da instituição de ensino. Isso nos permite desenvolver estratégias educacionais mais eficazes para enfrentar essas desigualdades e garantir que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de valorização. O racismo está inserido em cada indivíduo e devemos ter essa consciência para entrarmos em modo desconstrução e ativar em nós o antirracismo.

A Educação Antirracista desafia as estruturas de poder e os sistemas de opressão, visando criar um futuro mais igualitário e diversificado. Segundo Fullan (2011) “a mudança na educação é tecnicamente simples, mas politicamente e socialmente complexa”. Envolver novas metodologias, práticas ou abordagens de

ensino, que podem ser conceitualmente compreendidas e executadas em relação a Educação Antirracista é criar processos de superação de zonas de conforto que fazem o privilégio de poucos em detrimento de muitos.

No entanto, quando se considera o contexto político, como os interesses de diferentes grupos dentro do sistema educacional, e o contexto social, como as expectativas da sociedade em relação à educação, a implementação dessas mudanças pode enfrentar resistência, conflitos de interesse e obstáculos adicionais.

Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como negros e brancos são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós, para identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em nosso país. (GOMES, 2005, p. 48)

A pesquisa intitulada "Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira", lançada em abril, revela que a Lei 10.639/03, que é a principal legislação de combate ao racismo nas escolas, não é respeitada por 71% das Secretarias Municipais de Educação. Esse estudo foi realizado pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra e pelo Instituto Alana, com o apoio da Imaginable Futures e em parceria com a Uncme e a Undim. De acordo com Munanga (2005):

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade de lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco. (MUNANGA, 2005, p. 16)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (BRASIL, 2019), revela que pretos ou pardos são os mais atingidos pela violência em todos os grupos etários, a taxa de homicídios superou a dos brancos. Para pretos ou pardos de 15 a 29 anos chegou a 98,5% em 2017, contra 34,0% para brancos. Para os jovens pretos ou pardos do sexo masculino, a taxa foi 185,0%. Percorrendo por essas informações e estatísticas fica evidente a desigualdade entre brancos e pretos ligados ao trabalho, à distribuição de renda, à moradia, à educação, à violência e à representação política como afirma Almeida (2019, p.94):

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio.

Os dados da saúde também revelam uma série de consequências adversas que afetam diretamente a qualidade de vida e o bem-estar daqueles que enfrentam o racismo sistêmico, das repercussões mais evidentes do racismo é sua associação com problemas de saúde mental. Indivíduos que são vítimas de discriminação racial enfrentam frequentemente altos níveis de estresse psicológico, ansiedade e depressão e afirmam que suas primeiras experiências de racismo foram quando eram crianças dentro do ambiente escolar.

Os estudos apontam que é necessário o fortalecimento da educação antirracista nas instituições de ensino, criando um ambiente escolar inclusivo, promovendo uma transformação significativa em nossa sociedade. Superar preconceitos e estereótipos raciais nos livros didáticos e materiais de ensino, bem como a importância de promover relações saudáveis entre alunos de diferentes origens étnico-raciais. Isso é fundamental para combater as altas taxas de repetência e evasão escolar entre os estudantes negros, que enfrentam desigualdades persistentes em áreas como trabalho, distribuição de renda, moradia, educação, violência e representação política.

Método

Para Silva e Menezes (2005, p.10), “Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, um percurso global do espírito”. O percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. A opção metodológica adotada neste projeto de pesquisa é qualitativa, a escolha por essa metodologia se fez pela natureza exploratória do tema, que busca compreender e descrever a educação antirracistas e suas implicações no contexto educacional.

A abordagem qualitativa e descritiva permitiu uma análise aprofundada das percepções e experiências através dos relatos teóricos, sendo assim uma análise dos dados, a fim de obter informações relevantes em relação aos objetivos propostos destacando as estatísticas que evidenciam a desigualdade nas oportunidades acessadas por indivíduos negros, considerando suas diversas interseções, e

examinando os efeitos dessas disparidades na permanência de pessoas negras nos ambientes escolares.

Resultados e Discussão

A população negra é um dos grupos mais afetados por essas desigualdades educacionais, refletidas em estatísticas que mostram menor representação em instituições de ensino e oportunidades limitadas de carreira. Isso se deve a diversos fatores, incluindo a falta de acesso a recursos educacionais de qualidade e estereótipos que influenciam a forma como os alunos negros são percebidos e tratados.

Além disso, ao longo da história, a narrativa dominante muitas vezes desconsiderou a contribuição intelectual e cultural das comunidades negras, limitando assim as oportunidades educacionais e reforçando estigmas competitivos. Essa marginalização persistente tem levado ao silenciamento de vozes negras, não apenas na sala de aula, mas também em espaços sociais, culturais e políticos.

Para promover uma educação antirracista eficaz, é essencial que mais pesquisadores e educadores se dediquem a estudos exploratórios, embora existam algumas iniciativas promissoras, a lacuna na literatura e na prática ainda é significativa na educação antirracista.

A avaliação contínua dessas estratégias de impacto e o compromisso contínuo com a diversidade e a equidade são essenciais para garantir que avancemos na direção de uma sociedade onde a educação não seja mais uma fonte de desigualdade, mas uma ferramenta poderosa para a justiça e a inclusão.

Os resultados alcançados por meio deste estudo possam enriquecer uma ação formativa, que será o desdobramento final deste empreendimento, assim como para a criação de materiais publicáveis e participações em conferências e simpósios. Quando a temática racial é tratada de forma respeitosa e congruente na educação, ela se converte em uma poderosa ferramenta de mudança para a sociedade em que estamos inseridos.

Considerações Finais

Ao fortalecer e aprimorar as práticas pedagógicas, estamos investindo na construção de uma educação que promova a inclusão, a equidade e a formação de

cidadãos conscientes, críticos e comprometidos na construção e transformação de uma sociedade que não se categoriza como pessoas com base em sua raça.

Vale ressaltar que o trabalho não se encerra com a pesquisa, mas sim com a implementação dessas práticas pedagógicas nas instituições de ensino. O acompanhamento contínuo e a avaliação dos impactos são fundamentais para garantir a sustentabilidade dessas abordagens e para que continuemos buscando o aprimoramento constante.

Os resultados deste artigo, embora apontem para progressos recentes na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial em determinados domínios, também ressaltam a persistência de vários desafios no âmbito escolar. Um desses desafios notáveis é a preparação insuficiente de muitos professores para incorporar práticas efetivamente antirracistas em suas salas de aula. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, sendo um deles a falta de ênfase suficiente nas questões de diversidade e equidade racial nos currículos de formação de professores. Em decorrência disso, é comum que muitos educadores se sintam despreparados para abordar as dinâmicas raciais complexas que emergem nos ambientes escolares.

Ao assumirmos um compromisso contínuo com a promoção da diversidade e a luta contra o racismo, estamos construindo um futuro melhor, não apenas para as gerações atuais, mas também para as gerações futuras. A mudança real e o rigor começam nas salas de aula e se estende para além delas, moldando uma sociedade onde todos têm a oportunidade de prosperar, independentemente de sua origem étnico-racial.

É necessário que as políticas educacionais assumam um papel proativo na promoção da formação contínua dos docentes, incluindo a obrigatória abordagem do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira, conforme estipulado pela Lei 10.639/2003. Além disso, é crucial que tais políticas incorporem medidas para monitorar o avanço na adoção de práticas antirracistas e responsabilizar as instituições de ensino por eventuais deficiências nesse aspecto. Isso pode incluir uma coleta sistemática de dados sobre desigualdades raciais no desempenho dos alunos e na aplicação de medidas disciplinares, bem como uma revisão crítica das políticas e práticas institucionais.

Referências



ALMEIDA, P. C. A. de; BIAJONE, J. **Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação**. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8gDXyFChcHMD5p6drYRgQSn/?lang=pt> 2008.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

FULLAN, Michael. Reforma de todo o sistema para ensino e aprendizagem inovadores. **Pesquisa Microsoft-ITL (Ed.), Pesquisa Inovadora em Ensino e Aprendizagem**, p. 30-39, 2011.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: **um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167–182, jan. 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. **Palestra proferida**, n. 1º, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SILVA, Edna L.; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2001. 121p. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edio.pdf>>